

MEDIUNATO

C. E. Deus, Luz e Verdade

Aprimoramento Mediúnico

15.maio.2010

Literatos e mediunidade

José Afrânio Moreira Duarte

Trata-se de assunto freqüentemente abordado a interferência da mediunidade em trabalhos literários. Existem em nosso meio espírita tantas conversações sobre isso que é muito natural aparecerem opiniões divergentes e contraditórias acerca da matéria. Parece-nos, entretanto, que juízos a respeito não devem ser generalizados, havendo mesmo a conveniência de analisar cada caso isoladamente. É, por certo, grande a influência dos Espíritos na vida corpórea, mas ficando sempre respeitados o livre arbítrio e o valor pessoal de cada um, até porque, se assim não fosse, reduzidos à simples condição de marionetes da Espiritualidade, os encarnados não teriam culpa de seus erros e nenhum mérito seria atribuído às suas boas ações.

No caso específico das produções literárias, como em tantos outros, pode mesmo haver influências mediúnicas, mas, na maioria das vezes, ela existe apenas como indução, sugestão. Por exemplo, um Espírito que simpatize com o escritor, até seu Guia, sabendo de um concurso que tem por tema, determinado poeta, pode estimular o amigo encarnado a participar do certame, fazer que ele compre o jornal onde se achem as bases, ou impulsionar alguém de seu círculo a levar-lhe o recorte. Daí em diante, é tarefa do escritor terreno estudar profundamente a obra e o autor, visitar bibliotecas, fazer uma série de consultas e anotações, formular conceitos pessoais no que concerne ao assunto, planejar seu trabalho, rascunhá-lo, retocá-lo, etc., até dá-lo por pronto, atividades



inteiramente desnecessárias quando se trata de obra psicografada. Nessa última hipótese, o Espírito escritor utiliza o aparelho apenas como uma espécie de taquígrafo, por assim dizer, ditando-lhe trabalhos já prontos, quase sempre com tamanha rapidez que seria impossível ao médium pensar aquelas coisas e escrevê-las, no mesmo espaço de tempo.

E tanto é assim que pode o psicógrafo nem sequer conhecer a obra deixada pelo escritor quando de sua passagem por este planeta. Quando um Espírito sugere ao literato, não faz mais do que seus parentes e amigos que agem tantas vezes de modo idêntico.

Estilo, palavra derivada do latim, era o nome dado ao ponteiro com que os romanos escreviam sobre a cera. Como cada pessoa tem sua maneira



bem definida de traçar na cera e expressar-se, o sentido do vocábulo foi ampliado, servindo agora para designar as características dos escritores e, por analogia, também a dos compositores, pintores e outros elementos que têm a capacidade, o dom de criar. Pode-se dizer que o estilo mostra quem é o autor da obra, da mesma forma que a impressão digital identifica o corpo. Basta lembrar que mediante sérios estudos estatísticos, nos quais foram levados em conta os tamanhos dos períodos, pontuação, freqüência de repetições, tornou-se possível determinar o real autor do livro católico "Imitação de Cristo", esclarecendo o assunto de uma vez,

pois até então havia duas correntes, uma que o atribuía a Gerson, outra a Kempis, verdadeiro autor.

Praticamente, todo espírita brasileiro conhece a antologia de belos trabalhos mediúnicos "Parnaso do Além-Túmulo". Numerosos poetas nossos ali estão incluídos, cada qual com seu estilo tão perfeitamente bem caracterizado que a leitura causa espanto e impacto nas pessoas versadas em letras, mas ainda não iniciadas no Espiritismo. Vê-se, pelo exposto, que quando encarnados eles próprios criaram suas obras, não as recebendo de ninguém, tanto que agora voltam para ditá-las, fiéis às mesmas técnicas e conservando, naturalmente, os estilos respectivos. *(continua no verso)*

Programe-se: Vem aí, no dia 30 de maio, o seminário Compromissos Familiares: Prazer ou Obrigação?, para trabalhadores e frequentadores do CEDLV. A exposição estará a cargo do médium e tribuno José Medrado. Os convites, ao custo de R\$10,00 mais 25 notas ou cupons fiscais, já estão á venda na Livraria Renovar. Adquira já o seu!

Literatos e mediunidade *(continuação)*

Dentre os nomes que se destacam na literatura dos Estados Unidos da América do Norte está o de Harriet Beecher Stowe, nascida em 1819 e desencarnada em 1896. Publicou o célebre romance “A Cabana do Pai Tomás” que na época repercutiu em todo o mundo e teve a sagrada missão de contribuir para que se libertassem os escravos norte-americanos. Fiel seguidora da religião metodista e esposa de um pastor, Harriet sempre frisou que considerava aquele livro como escrito por ordem e indicação extraterrena, pois o escreveu como a ouvir uma voz que lhe ditava, ficando muitas vezes sem saber o seguimento da história, fenômenos não observados quando da confecção de outros trabalhos de menor fôlego. Este é um caso evidente de obra literária com as mais autênticas características de atuação mediúcnica.

Apesar de já não ser pequeno o número de pessoas cultas espíritas, levando-se em conta ser nossa Doutrina revelação relativamente nova e tendo em vista a cultura terrena, ainda é maior o número das que não o são, pois ninguém pode negar, de boa fé, a existência de verdadeiras potências intelectuais fiéis seguidoras da religião católica ou de seitas protestantes, no próprio clero, ou até sem religião nenhuma, como acontece na Rússia Soviética. Por isso mesmo, não existe propriamente o preconceito de que nenhum escritor pode ser médium, e sim o reverso da medalha: alguns espíritas, mas não todos, pensam que ninguém pode ser escritor sem ser médium, o que já é tão diferente.

Na maioria das vezes, tal concepção se origina de um sentimento religioso exagerado. Embora isso seja um erro, é um erro perdoável, pelo menos tolerável, pois tem

a circunstância atenuante de ser puro nas suas raízes. Em tais casos, o espírito conheceu uma verdade boa e quer propagá-la de qualquer jeito, a fim de que outros também se beneficiem dela e, com o objetivo de dar mais força ao que diz, vê mediunidade e influências espirituais em tudo que o rodeia. Tal atitude é desaconselhável e perigosa, quer seja por dar visão falsa da verdade, quer seja porque só muito raramente os fins justificam os meios.

Ora, muitos espíritas de hoje foram contemporâneos de escritores que atualmente nos brindam com suas obras, valendo-se da psicografia, como Humberto de Campos e vários dos que estão no já citado “Parnaso de Além-Túmulo”. Então, como é isso? Ainda outro dia mesmo eles estavam aqui e eram apenas médiuns? Porque agora ditam, usando o mesmo estilo que os caracterizou na Terra? E como? Há casos em que a mesma pessoa pode ser escritor e médium, simultaneamente. Um exemplo concreto disso é o Raul de Carvalho, residente em Antônio Dias, Minas Gerais, que escreve seus contos, quando muito bem quer e entende, e



já recebeu dois livros, sem contar mensagens de menor porte.

É preciso, aprendendo a dar valor a quem tem, compreender que existem escritores encarnados, em grande quantidade, dotados de talento, autênticos criadores das obras que eles próprios escrevem e não recebem do outro mundo, até mesmo porque, uma vez desencarnados, poderão vir ditá-las.

(Fonte: Reformador de agosto de 1964.)

CASOS DE CHICO XAVIER

Algo de nós - Certa noite, o Chico, alquebrado pelos obstáculos, orava, antes do sono, rogando a Jesus múltiplas medidas e soluções para os problemas que o apoquentavam. Mais de quarenta minutos já havia empregado no petitório, quando lhe surgiu Dona Maria João de Deus, que lhe falou bondosa:

- Meu filho, faça suas orações, porque sem a prece não conseguimos a renovação de nossas forças espirituais, entretanto, não será por muito falar que você será atendido...
- Então, como devo fazer em minhas súplicas? - perguntou o médium, desapontado.
- Você sabe que Jesus também pede alguma coisa de nós... - disse o espírito maternal.

- Sim, Nosso Senhor recomenda-nos humildade, paciência, fé, bom ânimo, caridade e amor ao próximo no cumprimento de nossos deveres.
- Pois façamos o que Jesus nos pede e Jesus fará por nós o que necessitamos. Está certo? E o Chico, recebendo a lição, aprendeu que orar não é falar e mover os lábios, indefinidamente.

(Gotas de Luz - Agosto/Setembro de 2000)

Falar não é fácil - “Chico, fui convidado para



fazer uma palestra sobre suicídio. Pretendo pintar um quadro horroroso sobre o vale dos suicidas, o sofrimento pelo qual passam os que abreviam a vida, as seqüências, os corpos mutilados em que renascerão; isso com a intenção de anular algumas idéias de suicídio que possa estar na cabeça de alguém. Ele olhou-me por alguns segundos e disse:

- Tudo isso pode ajudar aos que estão com a idéia de abreviar a vida, mas seria bom se falasse também para consolar os pais, as mães, e os familiares dos que se suicidaram e que certamente deverão estar no auditório.”

(do Livro Momentos com Chico Xavier)